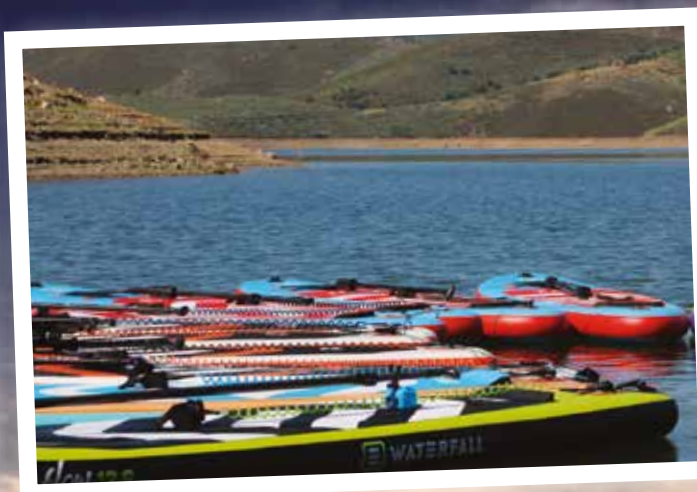


Inovação
& Qualidade

&

ARMAMAR, TERRA DE EMOÇÕES





Alfândega da Fé desperta os sentidos

Há um lugar que convida à descoberta e desperta os sentidos, pelas cores, pelos cheiros, pelos sabores, pelo trato amável e hospitalidade das suas gentes. Esse lugar é Alfândega da Fé. Situada no coração do Nordeste Transmontano, Alfândega da Fé é uma vila airosa e moderna, mas onde os traços do passado nos surpreendem em cada canto. O caminho faz-se pelo museu ao ar livre, composto por dois roteiros que se cruzam, entre a História e a Arte Urbana, que vale a pena explorar! Não perca a deslumbrante vista no Miradouro do Castelo, passeie pelas estreitas e sinuosas ruas, onde surgem casas típicas que sobreviveram aos tempos, edifícios religiosos ou a peculiar Torre do Relógio. Aproveite o passeio e acompanhe o traço de contemporaneidade patente no museu ao ar livre composto por esculturas, painéis de azulejos e até grandes murais executados em espaços

especialmente seleccionados para tal, de artistas plásticos consagrados. As obras de arte estão distribuídas por vários locais públicos e podem ser apreciadas à medida que vai visitando outros elementos identificativos da sede do concelho. Pare na Casa da Cultura Mestre José Rodrigues e visite a exposição patente na Galeria Manuel Cunha deste espaço cultural. Daqui siga até ao Jardim Cândido Mendonça, espaço que conserva um típico Coreto. Bem próximo situa-se o Parque Verde, outro dos sítios naturais de eleição do concelho. Aventure-se pelos montes e vales porque há muito para descobrir por terras de Alfândega da Fé, santuários repletos de espiritualidade e arte, solares e cruzeiros que atestam as origens ancestrais, produtos de uma qualidade sem par e gente de sorriso franco e hospitaleira que espera por si em qualquer altura do ano.

Lagos do Sabor – Santuário de Santo Antão da Barca
Visite um dos mais emblemáticos santuários do concelho e deixe-se encantar pela beleza única dos lagos do sabor. A construção da Barragem do baixo sabor submergiu o local onde se situava a capela do santo Antão da Barca, tendo esta sido trasladada para um ponto mais elevado, proporcionando agora uma magnífica vista para os Lagos do Sabor. Aproveite também os fins de semana de atividades de Stand Up Paddle nos Lagos do Sabor.

Centro de Interpretação do Território
O CIT – Centro e Interpretação do Território localiza-se na aldeia de Sambade e foi inaugurado em 2015. Auxiliado pelas novas tecnologias capazes de perpetuar na actualidade vivências e diferentes formas de vida do passado, este espaço transporta o visitante para onde ele desejar, através de fotografias com descrições imagéticas, diversas sinaléticas, instalações de vídeo e painéis

linguísticos. Acompanhando a figura do pastor e tudo o que ele representa, o CIT proporciona aos visitantes experiências sensoriais relacionadas com elementos da pastorícia e da natureza que tornam esta visita inesquecível. Depois de conhecer, relaxe e desfrute dos alojamentos rurais do concelho e desfrute da boa gastronomia local nos restaurantes “Alfândega da Fé à Mesa”. Para mais informações consulte www.cm-alfandegadafe.pt

Há uma plataforma online para venda dos produtos de Alfândega da Fé
Alfândega da Fé está ao seu alcance através de um simples click. O fumeiro transmontano, os queijos, o tradicional azeite, mas também os produtos mais inovadores, como o azeite em pó ou azeite com ouro, os frutos secos, o mel, os vinhos e os doces, estão reunidos na plataforma Cereja&co. Saiba também quais os melhores restaurantes para comer e conheça a oferta de alojamento disponível. www.cereja.co.pt

Uma obra com visão de futuro

Natural de Paço de Sousa, foi na cidade de Penafiel que Joaquim Barbosa Esteves iniciou o seu périplo de formação e onde viria a lecionar, como professor. Pelo meio, a sua ligação às causas nobres foi-se traduzindo num exercício altruísta ao serviço da misericórdia local, cuja provedoria viria a assumir, de forma interina e transitória, há cerca de dois anos. E foram precisamente as forças vivas da cidade que, em dezembro de 2020, o desafiaram a assumir o cargo de provedor numa instituição que já servia há uma década. A eleição foi unânime e, menos de um ano depois, a obra já é bem visível... Em entrevista, Joaquim Barbosa Esteves abre-nos as portas da instituição...

O que o levou a assumir este desafio da provedoria da Misericórdia de Penafiel?

Já se passaram dez anos e meio desde que ingressei na instituição, sendo que exerci o cargo de provedor ao longo do último ano. Iniciei este périplo como tesoureiro, responsável pelas obras e toda a vertente agrícola, área em que somos autónomos face ao que produzimos e consumimos. Entretanto, já tinha integrado diversas instituições de interesse público da região e, numa altura da minha vida em que já me encontrava reformado e perspetivava dedicar-me mais especialmente à vida particular e familiar, surgiu o desafio de integrar a Santa Casa da Misericórdia de Penafiel. Face ao falecimento do anterior provedor, enquanto vice-provedor, assumi provisoriamente as funções de provedoria, com a convicção de que levaria o mandato até ao final e não mais do que isso. No entanto, numa reunião com o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, fui incentivado a apresentar a minha candidatura a provedor, com a missão de dar continuidade a um conjunto de obras que havíamos iniciado e a projetar um rumo de futuro para a instituição. Enquanto refletia, fui recebendo o apoio de inúmeros irmãos que me procuravam convencer a aceitar o desafio e acabei por reunir uma lista, essencialmente constituída por gente nova e devidamente habilitada e capaz e avançar. Não tivemos oposição e fomos eleitos.

O que implementou de novo, ao nível da gestão?

Em tão pouco tempo não é fácil nem propriamente aconselhável promover mudanças muito profundas... sim, há algumas evoluções, sobretudo ao nível da organização, disciplina e ordem que uma instituição como esta exige. A mudança mais visível será constatável quando iniciarmos as novas obras, nomeadamente a cozinha uni-

versal, que servirá todas as valências. Em simultâneo, aguardamos a aprovação camarária do projeto de ampliação de um lar, que reunirá condições para receber utentes com problemas de saúde mental. Simultaneamente, num edifício que é propriedade da instituição, temos um projeto de edificação de nove apartamentos destinados a aluguer e que constituirão uma importante fonte de receita para a Misericórdia. Face aos custos que uma instituição como esta representa, o futuro passa pela conceção de projetos que originem receitas próprias.

Que valências oferece a Santa Casa da Misericórdia de Penafiel?

Temos três ERPI, uma creche e um infantário que, na globalidade, servem 110 utentes. Além destas, temos 32 utentes a quem prestamos apoio domiciliário e servimos diariamente pequeno almoço, almoço, lanche e jantar. Tudo refeições frescas e confeccionadas na hora... Existem dois princípios dos quais não abdicó: todos os utentes nos merecem o maior respeito e qualidade assistencial e ninguém está aqui por esmola. São pessoas que pagam a sua estadia e que assim mantêm os postos de trabalho dos profissionais que servem a instituição. E falamos em 150 postos de trabalho... somos um dos mais antigos e maiores empregadores da região, a par da autarquia. E fico satisfeito por constatar que também os nossos funcionários se encontram satisfeitos, uma vez que são peça fundamental no serviço que prestamos. Finalmente, temos um museu que, apesar de pequeno, é dos mais valiosos das misericórdias do país, contando com uma coleção de arte sacra com peças únicas.

Que importância atribui à formação dos vossos quadros profissionais?

Desde logo, convém salientar que estamos atualmente muito bem servidos: temos duas assistentes sociais, duas psicólogas, uma das quais clínica, uma animadora cultural, uma fisioterapeuta, três enfermeiros, dois médicos e um psiquiatra.

Assumiu a gestão da instituição numa fase extremamente complicada, marcada por uma crise pandémica, com consequências sanitárias mas igualmente económicas...

Sem dúvida! E acrescentaria: uma crise de que ninguém estava à espera nem preparado para enfrentar... Quanto à vertente económica, a nossa gestão é feita ao cêntimo, nada falha, o que ajuda no planeamento e gestão! Felizmente, na altura, tínhamos a contabilidade muito estabilizada, até porque nunca entrámos em gastos superfluos e, depois de um período em que foi neces-



sário adotar um plano de visava atingir equilíbrio financeiro, posso afirmar que temos hoje uma instituição com saúde também financeira.

Entretanto, caso ímpar no país, a Misericórdia de Penafiel não registou qualquer morte por Covid...

É verdade, felizmente, não houve aqui qualquer caso de morte por Covid. Alguns falarão em sorte, que é sempre necessária nestes contextos, mas também houve um trabalho muito rigoroso e pragmático por detrás desse sucesso.

A abertura da instituição à cidade de Penafiel é uma preocupação?

Sim, sem dúvida... mas os penafidenses também têm de pensar que a instituição é sua... Aliás, qualquer comemoração que façamos é traduzida em atos que são abertos a todos os irmãos, cidadãos e instituições do concelho. Habitualmente, temos a sessão de comemoração do aniversário, em novembro (celebramos 511 anos no ano passado) e uma festa interna, na Páscoa, em que convidamos todos os irmãos, familiares e outros penafidenses.

Com um mandato de quatro anos pela frente, que misericórdia gostaria de ver no final do exercício?

Quando pensei em formar uma lista, o principal critério que usei para definir escolhas foi a assunção de um olhar muito "ao longe" e de pessoas capazes de levar a nossa misericórdia a um patamar que nunca tinha atingido. Em suma, visão de futuro. E estou acompanhado por pessoas que aceitaram este lema em prol de uma das mais antigas misericórdias do país. Quanto a projetos a concretizar, depois de termos concluída a requalificação da Igreja da Misericórdia, temos o que considero uma relíquia, o órgão de tubos, cuja requalificação também levaremos a cabo. Paralelamente, teremos a abertura de uma unidade exclusivamente dedicada à saúde mental e a remodelação do lar. Finalmente, é nossa intenção catapultar a instituição para a modernidade.

Com 73 anos de idade, o que o move?

Confesso que, apesar da idade, mantenho um espírito jovem. Fui militar ao longo de cinco anos durante a Guerra Colonial, fui professor e colaborei com a juventude durante 36 anos e, atualmente, exerço estas funções por devoção e sem qualquer tipo de remuneração. Diariamente, faço cerca de 30km e dedico muitas horas à instituição, onde sou muitas vezes o primeiro a entrar pela manhã... Faço por gosto e porque tenho a convicção de que poderei melhorar algo em prol das pessoas que esta misericórdia serve.



“Quem conseguiu sobre viver a esta tempestade sente o espírito e motivação reforçados”

Fundada em 1520 e com um legado de 500 anos de solidariedade, a Santa Casa da Misericórdia de Nisa continua a ser uma associação de fiéis, sob a forma de confraria, constituída na ordem jurídica canónica para satisfação de carências sociais e para realização de atos e culto católico. Atualmente, oferece as valências de ERPI, centro de dia, serviço de apoio domiciliário, centro infantil e extensão - lar. No total, da ação da instituição beneficiam diretamente cerca de 300 pessoas, números que aumentaram significativamente face ao contexto de crise pandémica. Entre o património da instituição, destaca-se a Igreja da Misericórdia, o edifício da Santa Casa da Misericórdia, a Praça de Touros de Nisa, o Hospital e herdades, algumas das quais de produção animal. Em entrevista, o Provedor António Valente abre-nos as portas desta instituição com cinco séculos de existência, com o contexto de pandemia como pano de fundo...

É legítimo questionar, face às solicitações que vos foram sendo apresentadas ao longo do último ano, o que seria da população de Nisa sem o contributo da Misericórdia neste contexto de pandemia?

O contributo da Santa Casa da Misericórdia e da Câmara Municipal de Nisa foram extraordinários. Saliento a autarquia, cuja presidente foi inextinguível no que respeita a apoios, tal como todo o concelho. Inicialmente, encetámos um processo de testagem com significativa frequência e, felizmente, pensávamos nós, não estávamos a ser afetados... até um dia, em que estávamos praticamente a entrar na vacinação, surgem duas colaboradoras positivas. Entretanto, uma nossa residente sénior, que tinha testado negativa, teve a necessidade de ir às urgências, foi contagiada. Face ao surgimento destes casos, com o apoio da Segurança Social, procedemos a uma testagem coletiva que revelou a existência de cerca de 100 pessoas infetadas. E surge o grande problema, comum à grande maioria das misericórdias, de não termos pessoal suficiente para apoiar esta situação. Tivemos de reestruturar e reorganizar os turnos, sendo que entre cerca de 100 colaboradores tínhamos 24 infetados, a grande maioria afeta ao lar. Acresce o facto de as misericórdias não terem condições para trabalharem em espelho, como na altura se defendia, até porque não temos aqui três turnos. O turno da noite resume-se a vigilância... dentro destes azares, acabámos por ter alguma sorte porque, quando nos surgiram esses casos, a pior fase da infeção já estava a ser ultrapassada. De qualquer forma, temos a lamentar cinco mortes. Por outro lado, a adoção de medidas de proteção individual, como o uso da máscara, evitou muitas outras doenças transmis-



síveis e que, noutras alturas, também resultavam em mortes dos nossos utentes, nomeadamente aquando de idas às urgências ou consultas hospitalares. Este ano, o índice de mortalidade nessa vertente é residual.

Como conseguiu reestruturar um modelo de trabalho que tinha tantos anos de funcionamento?

Desde logo, foi um esforço muito significativo de gestão. E posso afirmar que, quer eu, quer a diretora técnica, nunca saímos daqui. Um dos princípios que preconizei e implementei consistiu em evitar o pânico e enfrentar o problema... por isso, nunca de cá saí. Muitas vezes contra a vontade de familiares, vinha cá todos os dias e nunca deleguei o que quer que fosse porque, nestas alturas mais falta faz ainda a liderança e o exemplo. Como é evidente, a instituição tinha de continuar a trabalhar nos moldes que trabalhava até então e, depois de isolarmos as pessoas infetadas e de isolarmos as nossas unidades de qualquer contacto exterior, tudo continuou a funcionar como antes, à exceção do centro de dia, por imposição da Segurança Social, que foi substituído por apoio domiciliário. E foi essencial a dedicação dos nossos profissionais, que foram verdadeiramente inextinguíveis, trabalhando como heróis na linha da frente e tendo depois de voltar às suas residências onde habitam com outros familiares... Foi um drama para o país e, em particular, para as misericórdias. Felizmente, o nosso caso não foi assim tão grave.



E quanto a equipamentos de proteção individual, em alguma altura faltou algo?

Nunca. Apesar dos poucos recursos da grande maioria das misericórdias portuguesas, fomos nós que os comprámos ou fizemos, porque temos costureiras... Repare que os nossos governantes parecem só agora ter descoberto que existem lares, porque nunca nos apoiaram. E com os preços desses equipamentos e materiais a inflacionarem

como nunca antes se havia visto, e com total complacência por parte dos nossos governantes e entidades reguladoras... Muitas misericórdias estão a passar um péssimo momento do ponto de vista financeiro, o que foi agravado com a pandemia, mas antes já estava instalado este cenário.



Ainda assim, com este combate que travaram, evitaram um possível caos social...

Sim, de certa maneira. E admito que é a partir de guerras como esta que saímos mais fortes e coesos.

E, em termos assistenciais, parecem ter voltado aos princípios da Rainha Santa Isabel...

Exatamente. Confesso que ainda não percebi muito bem o que pretendem fazer das misericórdias mas, no dia em que abandonarmos o princípio da Rainha Santa Isabel, estas deixam de ter significado. Também me parece que, nesse sentido, este contexto negativo voltou a avivar o espírito e missão das misericórdias e a alertar determinadas mentes para a importância da nossa missão. Falo no tratar dos enfermos, no acolher a toda a gente sem olhar a quem... e acima de tudo algo que comece a rarear que é o servir em vez de servir-se.

Além dos utentes que já serviam e apoiavam, constatou algum acréscimo de pessoas e famílias a baterem-vos à porta?

Sim, sem dúvida. Tanto assim é que, atualmente, estamos a dar uma significativa assistência na área alimentar. E a pobreza escondida e envergonhada começa a aparecer com frequência. Enquanto antes apoiávamos a este nível meia dúzia de famílias, atualmente fazemo-lo com 60 e outras faltarão sinalizar, trabalho que estamos a realizar em parceria com a Segurança Social. Por outro lado, vamos tendo um apoio extraordinário por parte da câmara municipal, cuja presidente, reconheço, “vestiu claramente o fato de macaco”. A intervenção no concelho foi concertada entre a câmara municipal, a Segurança Social, a USF e a delegação de saúde de Portalegre. Foram extraordinários, juntaram sinergias e intervieram em rede, num paradigma que resultou com muita eficácia.

Um comandante que nunca abandona o barco

O provedor terá certamente sentido medo, sobretudo na fase inicial da pandemia... no entanto, continuou e esteve sempre presente... porquê?

Confesso que reajo habitualmente bem a situações de adversidade e, mesmo quando outros fogem, eu não o faço. Talvez por isso tenha sido pegador de touros durante vários anos quando era novo. O lema é morrer ou vencer e, confesso, prefiro vencer. A minha mensagem sempre foi: nada de pânico nem há que ter medo de nada. Se enfrentarmos as coisas com calma e trabalharmos em conjuntos havemos de vencer. Por isso, estava cá todos os dias de manhã até à noite.

Um futuro feito de esperança

“Depois da tempestade, com a chegada da vacinação acreditamos que tudo voltará ao normal, com as devidas aprendizagens. A vida continua, com cuidados reforçados, tal como a missão desta instituição. Quem conseguiu sobreviver a esta tempestade sente o espírito e motivação reforçados. Valeu a pena o esforço e as muitas vidas que salvámos. Agora, tenho muitas dúvidas de que no futuro vejamos um reconhecimento por parte dos nossos governantes e nos recompensem face às grandes dificuldades por que passamos. E reafirmo que as misericórdias que não possuem património e vivem apenas dos apoios do governo e da Segurança Social têm um futuro muito incerto”.

“Mesmo em pandemia, conseguimos manter o patamar de serviços que costumamos oferecer”



Voluntário há 39 anos ao serviço de uma instituição que está a celebrar 500 anos de existência, Mário de Carvalho Cruz está prestes a concluir a sua missão ao serviço da Santa Casa da Misericórdia do Crato. O voluntariado foi uma causa que o guiou mas, há muito de profissionalismo num exercício em que soube acompanhar a longa, e por vezes vertiginosa, evolução a que as instituições de solidariedade social foram desafiadas ao longo das últimas décadas.

Hoje, a Misericórdia do Crato é um dos pilares sociais e económicos do município alentejano, com muita obra realizada e uma projeção de futuro materializada em novos projetos que a colocam a par das mais prestigiadas instituições congéneres. Em entrevista, o Provedor fala-nos do desafio perante a pandemia e da necessidade de se perspetivarem estas instituições como verdadeiramente essenciais num Estado que não lhes reconhece devidamente o mérito mas que também não sabe nem consegue replicar a sua obra...

Mais uma vez, as misericórdias portuguesas foram chamadas a enfrentar um desafio de enorme complexidade, relacionado com a pandemia... Como foi o contexto do Crato?

O Crato não constituiu, obviamente, exceção... Foi muito difícil, até porque ninguém estava preparado para uma calamidade como esta. A partir de março começámos a tomar todas as precauções que nos eram recomendadas pela DGS e demais organismos. Ee tudo ia correndo dentro de uma certa normalidade até que, em novembro, fomos contactados pela diretora da Segurança Social de Portalegre, que nos comunicou que tínhamos dois casos positivos, um motorista e uma cozinheira. Isto originou a propagação a mais três

funcionárias, causando uma enorme preocupação. Apanhados de surpresa, havia que agir e, prontamente, montámos uma espécie de task force na sede da Misericórdia, que envolveu a autarquia, a Segurança Social e outras entidades com responsabilidades na matéria. Felizmente, o entendimento foi muito positivo e o número de casos resumiu-se ao que descrevi.

Num universo de mais de 200 utentes entre ERPI, jardim de infância e apoio domiciliário, não tivemos qualquer caso. Foi uma resposta muito pronta e ponderada. Os nossos técnicos e demais funcionários têm sido incansáveis no cumprimento do que é exigível em relação ao Covid e, como costume afirmar, no meio disto tudo também houve alguma sorte.

Depois de sinalizados esses casos, houve necessidade de proceder a algum tipo de reestruturação no funcionamento da instituição?

Sim. Implementámos desde logo horários em espelho e, como é óbvio, passámos a ter um cuidado ainda maior relativamente às medidas preventivas.

E em relação aos equipamentos de proteção individual, estavam preparados ou houve a necessidade, como em tantas instituições, de recorrer a ajudas externas?

Não estávamos obviamente preparados como, julgo, ninguém estava. Tínhamos o essencial no que concerne a luvas e máscaras. A partir do momento em que começámos a reunir, a autarquia entendeu prestar auxílio às quatro instituições do concelho, ação que tem mantido ao nível das ERPI. Por outro lado, nós próprios começámos a candidatar-nos e a adquirir outros tipos de equipamentos.

Em 2020 tivemos um acréscimo de despesa de

29500€ só face ao Covid... e a única candidatura que nos foi disponibilizada não nos contemplou sequer com um terço desse valor, sendo que as contínuas exigências e restrições de ocupação, nomeadamente em relação aos quartos destinados ao isolamento, resultaram igualmente em penalizações para as finanças da instituição, uma vez que não conseguimos cumprir os acordos com a Segurança Social em termos de ocupação e, desta forma, as verbas transferidas para as camas convencionadas foram igualmente reduzidas. Também é verdade que o acordo que havia sido formalizado para as ERPI sofreu um aumento de 2%, em julho mas, as



restantes valências não foram contempladas. Em suma: os contributos têm sido muito inferiores às necessidades, sendo que o significativo aumento da despesa tem vindo a ser suportado por nós.

A qualidade do serviço prestado sofreu em virtude de terem sido forçados a fazer mais com menos?

Creio que não. É minha convicção que conseguimos manter o patamar de serviços que costumamos oferecer. Mas é óbvio que os idosos e os funcionários, em particular, sofreram um peso muito acrescido. Por um lado, os idosos ficaram isolados, sem a possibilidade de receberem visitas nem de realizarem atividades no

exterior da instituição e, por outro, os funcionários foram submetidos a uma carga emocional e psicológica muito intensa.

A propósito, realçaria o discurso proferido por Marcelo Rebelo de Sousa aquando da visita a uma misericórdia do país, em que demonstrou ter um pleno conhecimento sobre a situação destas instituições, dando uma importância ímpar às misericórdias e repetindo que o Estado, por muito que fizesse, não teria condições para prestar o serviço que as misericórdias prestam. É uma questão de competências e de saber fazer, que raramente é reconhecida... Repare que Portugal é o país da Europa que menos óbitos teve ao nível dos lares e isto é algo que pouca gente saberá... E insisto: há falta de sensibilidade da parte do Governo perante estas instituições que tanto fazem pelo mesmo. Estamos a falar em maio, e ainda não há acordo em relação aos compromissos para 2021. Alerto que, se não se decidir por contrapartidas que compensem as despesas extraordinárias e aumentos dos salários, o futuro financeiro destas instituições será certamente nefasto, particularmente num contexto de vários anos em que as nossas receitas não vão além das ordinárias, o que recebemos da Segurança Social e o que os utentes pagam.

Agora, também sabemos que há misericórdias e misericórdias, nomeadamente algumas acima do Tejo com um poder financeiro fabuloso, mas essas não constituem nem de perto nem de longe a regra. E mais: o critério implantado em que todas as misericórdias não podem quebrar mais do que 85% da reforma dos seus utentes é a maior desonestidade que pode haver com contextos como o nosso em que os valores auferidos pelos nossos idosos são muito inferiores à média

nacional. Imaginem se definíssemos o serviço a prestar em função desses valores das reformas dos nossos utentes... teríamos pouco mais do que asilos... E mesmo assim, em contraciclo, estamos atualmente a finalizar uma obra, uma ERPI, cujo orçamento ronda os 900 mil euros, fruto de uma candidatura ao Portugal 2020 mas também com uma fatia de 15% da nossa responsabilidade, com equipamentos funcionais, de saúde e de animação de topo e sem qualquer ajuda.

Sente-se hoje, depois desta crise pandémica, um provedor mais maduro e concretizado?

Sim... em relação a tudo quanto tenho passado ao longo de 39 anos de voluntariado, tenho que admitir que tem sido uma evolução notável. Felizmente, tenho feito tudo o que está ao meu alcance para acompanhar essa mesma evolução e o último ato que fiz foi realizar o meu autoexame e dizer que já chega, está no momento de terminar esta missão. De todo o modo, este último ano foi algo pelo que nunca pensei vir a passar. E convém realçar que os idosos têm sido os mais sacrificados em torno desta situação de pandemia. Estão confinados entre quatro paredes há mais de um ano... Temos tentado colmatar algumas das restrições mas não chega e estou convencido de que, quando o cenário se modificar, muitos dos que eram mais ou menos autónomos e ainda saíam à rua já não terão coragem nem motivação para o fazer. Foi muito mau!

Depois de 39 anos ao serviço de uma causa pública, leva mais tristezas ou alegrias?

Nesta fase, levo principalmente a consciência de que, durante estes anos, dei tudo o que pude à instituição, quer como voluntário, quer a partir dos meus próprios recursos. E creio que fui um pouco ao encontro do princípio da criação das misericórdias.

“Uma Casa de referência, que prestigia o concelho”

Com 501 anos de existência, a Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras é uma das mais antigas instituições de solidariedade social do país. Liderada atualmente pelo Provedor Carlos Reis, oferece valências de apoio a idosos, à infância, à comunidade e em saúde. O seu importante contributo inclui a oferta de dois centros de dia, ERPI, residências geriátricas, apoio domiciliário, CATL, creche, jardim-de-infância/pré-escolar, atendimento e acompanhamento social, cantina social e vários cuidados em saúde, valências que asseguram a prestação de apoios e serviços a mais de 1300 pessoas e emprega cerca de 151 funcionários. Quanto ao futuro, um projeto diferenciador encontra-se no horizonte do atual provedor: a implementação de um sistema de certificação da qualidade. Em entrevista, Carlos Reis abre-nos as portas desta importante instituição...



Presumo que, tal como sucedeu em tantas instituições congêneres, o peso do contexto pandémico se tenha feito sentir negativamente nesta misericórdia...

Aquando da apresentação do relatório de atividade e contas de 2020, dirigi-me aos irmãos desta instituição, comunicando o seguinte: quando em janeiro do corrente ano, os novos corpos sociais tomaram posse, na sequência dum legado anterior, estavam longe de imaginar que a tempestade pandémica continuava no presente com tão preocupante agressividade. A hecatombe a quem ninguém se pode eximir tem nos obrigado à implementação de novas soluções, com elevados custos, aos quais esta mesa administrativa tem dado prioridade máxima com vista ao bem-estar dos seus utentes. Esta situação obrigou a uma reestruturação interna ao nível de todas as áreas da misericórdia, á implementação de novos procedimentos, a novas metodologias de trabalho, com a aquisição de materiais e equipamentos, nomeadamente de proteção, que atingiu valores impensáveis mas absolutamente necessários para o combate à Covid-19. Concomitantemente a este aumento de despesa, assistiu-se a uma quebra substancial das receitas arrecadadas por fecho ou diminuição das atividades comerciais e serviços devido ao confinamento imposto ao país. O encerramento de algumas respostas sociais por decreto governamental, que implicou uma redução das respetivas receitas por frequência, os atrasos nos pagamentos das mensalidades, o aumento do salário mínimo, que obrigou a um reajustamento na medida do possível dos restantes salários, as prestações sociais do estado que, perante

tal cenário, ficaram aquém das necessidades, tudo isto contribuiu para um maior esforço no equilíbrio dos resultados. Não pode esta mesa deixar de referir o apreço devido a todos os colaboradores, que tão zelosa e empenhadamente assistiram os nossos utentes, sem os quais não poderíamos atingir, com as bênçãos da Sra. das Misericórdias, os resultados de excelência da instituição. Queremos expressar homenagem ao anterior provedor, Vasco Fernandes, pela enorme dedicação que teve com esta casa e dois reconhecimentos de registo que marcaram o ano 2020: a comemoração dos 500 anos, que ocorreu com muita elevação e digna de referência que muito honrou a instituição; e o envolvimento sem precedentes dos irmãos na escolha dos novos corpos sociais eleitos em outubro. Por último, um agradecimento à paróquia de Torres Vedras, entidade de saúde e Câmara Municipal, pelo apoio sem reservas que sempre deram à Santa Casa.

Perante um cenário de tantas dificuldades, o que o move a servir a instituição?

Não imaginam os casos de carência extrema que nos aparecem a solicitar apoio. Creio que o que me move é a formação que tive dos meus pais... e a ethos, que é mais importante do que o dinheiro. O país precisa de gente a administrar bem os dinheiros, sem nunca abdicar da moral. Esta casa é de toda a população que dela se abeira e é para isso que estamos aqui a trabalhar pro bono... A minha maior ambição é deixar a instituição de tal maneira que, quem vier, a possa projetar para mais 500 anos.



Estamos numa instituição que é um dos maiores empregadores do concelho, sendo que nos dias de hoje, existe uma significativa exigência ao nível dos quadros qualificados...

De facto, é um desafio que se coloca a esta Misericórdia e às demais instituições, a contratação de colaboradores especializados, com formação abrangente e essencialmente com vocação para trabalhar nas áreas das respostas sociais, sejam na infância, idosos ou apoio à comunidade em geral, só com estas características será possível uma prestação serviços de qualidade, centrado no respeito e individualidade de cada um. Se a Misericórdia de Torres Vedras é, o que é hoje, deve-se essencialmente a todos os profissionais que por ela têm passado e aos que colaboram atualmente para o engrandecimento da mesma.

Dos cerca de 151 funcionários de diversas áreas, que diariamente trabalham connosco, 25% são técnicos superiores, 50% colaboradores com formação especí-

fica na área da geriatria e infância e os restantes tentamos colmatar a falta de conhecimentos proporcionando formação com sessões temáticas organizadas internamente e/ou externamente.

Mas cada vez mais, existe a dificuldade de contratar profissionais com formação específica, uma vez que os salários são baixos e as instituições não tem apoio que proporcione efetuar pagamento mais dignos aos seus colaboradores.

E que valências asseguram?

A Misericórdia tem atualmente em funcionamento respostas sociais no âmbito da Infância e Juventude, Idosos, Comunidade e Família, e Saúde, num total de 7 respostas com acordo de cooperação, com o ISS, IP, Centro Distrital de Lisboa e 3 respostas de âmbito privado, prestando apoio a mais de 1300 pessoas diariamente.

Enumerando as respostas que desenvolvemos estas são: na área da Infância e Juventude, Creche, jardim de Infância/Pré-Escolar e CATL; Na área dos idosos, Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI), Residências Geriátricas, Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário; Na área da família e comunidade temos a resposta de Atendimento Social, o Apoio Alimentar



com o Programa Operacional de Apoio a Pessoas Mais Carenciadas - POAPMC, Banco Alimentar e Cantina Social; Na área da Saúde temos uma clínica de fisioterapia, com hidromassagens, hidroterapia e consultas em diversas áreas desde da Psicologia, Terapia da Fala, Nutrição entre outras.

Como instituição com cinco séculos de existência, possuímos ainda algum património histórico, donde destaco o edifício do Hospital de Torres Vedras, inaugurado em 1943 e administrado pela Santa Casa até 1975, a Igreja da Misericórdia e a Capela de Nossa Senhora do Ameal, no Choupal, abertas ao público no âmbito do projeto municipal “Idosos Saudáveis e Ativos” e dinamizadas com atividades de âmbito religioso

e cultural, como o Atelier de Órgão e Ciclo de Órgão de Torres Vedras, enaltecendo deste modo o Órgão Histórico “Bento Fontanes”.

Para além das respostas e serviços tipificados, ainda desenvolvemos e criamos vários projetos interinstitucionais em diversas áreas, envolvendo os diversos parceiros da comunidade.

Como é possível, com tantas valências e profissionais, levar a cabo esta missão com qualidade assistencial?

Não é fácil efetivamente, tem sido com bastante esforço, dedicação, entrega, trabalho de equipa, com um reinventar diariamente de todos os que aqui trabalham, de todos os que voluntariamente estão presentes no dia a dia desta Misericórdia.

Com uma gestão financeira cuidada, em que o investimento é realizado no essencial e necessário, para a prestação de um serviço que tentamos que seja de qualidade.

Procuramos também apoios, na comunidade, nos parceiros, efetuamos candidaturas a programas para apoio ao investimento, como é o caso do programa Pares, o qual concorremos para financiamento da construção já em curso, de um novo equipamento na área



dos idosos, para a resposta social de ERPI. Também tem ajudado o facto de a Misericórdia ter algum do seu património alugado, o que vai proporcionando um rendimento mensal que ajuda a colmatar alguns prejuízos das respostas e serviços mais deficitárias.

Parece legítimo questionar o que seria do concelho de Torres Vedras sem a Santa Casa da Misericórdia...

O concelho de Torres Vedras tem uma ampla oferta, instituições à altura e muita gente capaz. A meu ver, não é das zonas mais carenciadas do país, a este nível. Mas uma casa como esta é prestigiante para o concelho, ao qual dá um enormíssimo contributo. Faremos o possível para que assim continue a ser. Não é uma instituição qualquer que celebra 500 anos. Temos o arquivo, que está a ser catalogado e reorganizado, por forma a poder ser consultado... queremos ser uma casa de referência.

Que instituição gostaria de deixar no final destes quatro anos de exercício?

Gostaria de deixar uma instituição renovada, modernizada e estável financeiramente, para que a sua continuidade estivesse assegurada e se mantivesse como espinha dorsal, os princípios basilares da sua fundação, que são as 14 obras de Misericórdia.



O Alambique de ouro
HOTEL RESORT & SPA ★★★★★

FUNDÃO
SERRA DA ESTRELA



Oásis da Serra da Estrela

EXCLUSIVO PARA RESERVAS EFETUADAS EM:
HOTELALAMBIQUE.COM



Aqua Fun Park
ALAMBIQUE RESORT

HOTELALAMBIQUE.COM



Inovação
&
Qualidade

**Ponte de Lima:
deixe-se deslumbrar
pela vila mais antiga
de Portugal**



Ponte de Lima é guardiã de uma história que sempre soube preservar ao longo dos séculos, sendo um dos locais mais visitados em Portugal. Famosa pela sua magnífica ponte romana e medieval, esta vila recebe-o a cada estação com um número incontável de atrações, combinando graciosamente a tradição e a modernidade. Aconselhamos a compra de um cartão de memória com grande capacidade para a sua máquina fotográfica porque a beleza está...absolutamente em todos os cantos.

12 RAZÕES PARA SE APAIXONAR POR PONTE DE LIMA

Uma longa e notável História

Aqui, História e património estão por todo o lado. Ponte de Lima combina harmoniosamente, elementos dos nossos antepassados e cria um pitoresco e bucólico postal. A Ponte Romana e Gótica une as duas margens do Rio Lima há séculos e é a principal atração.

Natureza a um passo de distância

A Natureza no seu esplendor está em todo o lado: florestas, ecovias, parques, jardins, a área protegida...sem esquecer a majestosa Avenida dos Plátanos que acolhe os visitantes, incluindo os milhares de peregrinos que fazem todos os anos, o Caminho Português de Santiago.

Rio Lima

Em Ponte de Lima vai sentir uma estreita relação de proximidade com o rio. Denominado pelos romanos de Lethes – o Rio do Esquecimento (acreditavam que quem o atravessasse perderia para sempre a memória do passado), a ligação desta terra ao rio que lhe deu parte do seu nome é muito forte e, ainda nos dias de hoje, temos de reconhecer essa mais-valia que é também um ponto marcante dos setores turístico e ambiental.



Gastronomia

Aprecie a deliciosa gastronomia local, como o Arroz de Sarrabulho servido com rojões de porco. A lampreia do Rio Lima também é muito apreciada e tal como em outras terras portuguesas, não pode faltar um prato típico de bacalhau, sendo aqui preparado o famoso Bacalhau de Cebolada, um prato popular e muito procurado nas tascas e restaurantes. Todas estas iguarias são acompanhadas do afamado Vinho Verde de Ponte de Lima. Para os mais gulosos, os que gostam de doces, não podem deixar de saborear a textura do leite-creme queimado. Há numerosos restaurantes em que se confeccionam estas especialidades, pelo que não deve perder a oportunidade única de as apreciar no local de origem.

Povo simpático e acolhedor

Autenticidade é uma constante... um povo extremamente acolhedor que vai adorar contar os melhores segredos da sua terra.

Grandes eventos durante todo o ano

Festivais Gastronómicos, Festivais temáticos, Festas Populares, Eventos Desportivos, Festivais culturais... durante todo o ano. Aproveite e usufrua oferta da Vila mais Antiga de Portugal.

Parta à descoberta dos arredores

Bonitas paisagens e incríveis panorâmicas dos miradouros. Faça uma incursão pelos arrabaldes e pelos românticos arredores, faça um piquenique e descubra as aldeias e as casas solarengas que pontuam a paisagem. As vinhas serão uma constante, assim como os trilhos e caminhos rurais que são ideais para dias de descanso.

Diversidade de espaços museológicos

Cinco espaços museológicos para descobrir: Museu dos Terceiros, Museu do Brinquedo Português, Centro de Interpretação e Promoção do Vinho Verde, Centro de Interpretação da História Militar e Centro de Interpretação do Território.

Festival Internacional de Jardins

O Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima é um evento anual que decorre desde o fim de maio até ao final de outubro. Jardins temporários criados com uma diferente temática a cada ano e que se encontram em exibição, tornando-se uma nova descoberta a cada estação.



Área Protegida das Lagoas de Bertianos e São Pedro d’Arcos

Declarada Zona Húmida de Importância Internacional, pela raridade dos seus habitats e pela elevada biodiversidade que sustenta a Área Protegida desenvolve-se em torno de duas lagoas e margens do Rio Estorãos, numa área total de cerca de 350ha. Conheça melhor um dos maiores projetos em Portugal na área da preservação, sensibilização e educação ambiental, como sendo a Área de Paisagem Protegida das Lagoas de Bertianos e S. Pedro d’Arcos | Município Ponte de Lima. As infraestruturas e equipamentos de apoio encontram-se distribuídos por dois polos, a Área Protegida (AP) e a Quinta Pedagógica de Pentieiros, exploração agropecuária e florestal adquirida no âmbito do projeto de valorização da área, localizada a 1,5km da mesma. O espaço, tendo em consideração a importância para a conservação da natureza e da biodiversidade, aos níveis regional, nacional e mesmo internacional, mereceu a atribuição dos seguintes estatutos de conservação e proteção: Nacional: área protegida de âmbito regional criada pelo Decreto Regulamentar nº19/2000, de 11 de dezembro; Comunitário: é Sítio de Importância Comunitária pela Decisão da Comissão de 7 de dezembro de 2004, em resultado da aplicação da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats); Internacional: é o Sítio nº 1613 da Lista de Sítios da Convenção de Ramsar (Zonas Húmidas de Importância Internacional).



Vaca das Cordas

Podemos chamar-lhe a tradição mais tradicional de Ponte de Lima, pois perde-se no pó dos tempos a origem de tão peculiar manifestação. Em véspera do Dia de Corpo de Deus, ao final da tarde, milhares de pessoas aguardam para ver, a vaca guiada por cordas, segue por algumas ruas do centro histórico e termina no areal junto ao Rio Lima, numa cadência de espetáculo e emoção.

Feiras Novas

Feiras Novas acontece no segundo fim de semana de setembro, quando o verão se prepara para a sua despedida, Ponte de Lima engalana-se para a sua maior festa. É o povo com a sua alegria e espontaneidade, a sua forma de fazer e estar na festa, as rusgas e os cantares ao desafio, o folclore em qualquer canto da vila que transforma as Feiras Novas num momento único e na romaria que é considerada o ‘maior congresso ao vivo da cultura popular em Portugal’.

Ecovias, rotas e percursos

No concelho de Ponte de Lima os percursos pedestres existentes privilegiam o contacto com a natureza e a interpretação do meio ambiente. A majestosidade da vegetação prolonga-se pelas ecovias construídas para que todos os utilizadores possam desfrutar de um passeio alegre e descontraído ao longo do rio Lima, onde são praticadas atividades náuticas. Estas podem igualmente ser usufruídas por todos, tenham ou não apetência desportiva, já que esta vila se orgulha do convívio da diversidade que promove.



Grande rota de montanha

A Grande Rota de Montanha é um percurso pedestre de traçado longo. Envolve várias extensões inseridas nos concelhos de Caminha, Ponte de Lima, Arcos de Valdevez e Ponte da Barca. As respetivas marcações e sinalizações obedecem às normas internacionais. A etapa no concelho de Ponte de Lima, com aproximadamente 37,5km, tem início nas faldas da serra d’Arga, junto à antiga casa de guarda-florestal do Alto do Cavalinho, e termina na Cruz Vermelha, fronteira com Arcos de Valdevez. O itinerário percorre toda a zona montanhosa do norte do território limiano, atravessando as freguesias de Estorãos, Cabração, Labruja, Rendufe, Labrujó e Vilar do Monte. Permite o contacto com vários elementos naturais e humanos que se destacam pela originalidade, em virtude da rudeza imposta pelas condições ambientais que se fazem sentir no espaço, bem como pela autenticidade que conferem ao território. Na serra d’Arga, começamos a descer com passos curtos e entramos no fojo do lobo do Alto do Cavalinho, estrutura de arquitetura popular, com paredes convergentes em forma de “V” que servia para capturar e matar o lobo. Após a morte, o animal, outrora conhecido por “besta”, era exibido nas aldeias da serra pelos “Monteiros”, mostrando à população o ser que os amedrontava. O certo é que atualmente o lobo-ibérico em Portugal é temido, odiado e adorado. Na serra d’Arga, existe uma pequena alcateia e com frequência o lobo é avistado por estas paragens. Prossequimos o itinerário, e sem dúvida que o vale do Lima é o protagonista da paisagem com características alto minhotas de diferentes verdes predominantes. As aldeias pitorescas

e, nomeadamente, as gentes simpáticas destas terras de montanha, reforçam o sentimento de que somos bem-vindos e, em paralelo, reconfortam-nos com pequenas histórias e com o seu conhecimento empírico. Chegados à Cabração, realçamos a Igreja Paroquial a nível arquitetónico e os diversos cruzeiros e alminhas que encontramos em volta do caminho, sinónimo de grande culto religioso. Já na Labruja, não podemos deixar de referir um ponto importante relacionado com a história religiosa, uma vez que esta rota coincide em curtos troços com o “Caminho de Santiago”. A passos largos entramos em Rendufe e Labrujó, acompanhamos a ribeira da Labruja, junto da levada que transporta milhares de litros de água, da mini-hídrica para a Labruja. Aqui os socalcos verdejantes são o principal elemento diferenciador da paisagem. A armação dos terrenos das vertentes em socalcos foi a solução encontrada pelo homem para aumentar a disponibilidade de terra agrícola e, assim, fazer face às exigências do concomitante aumento demográfico, verificado a partir do séc. XVII. Deixamos Labrujó e começamos a subir para Vilar do Monte. Nos últimos quilómetros desta etapa, até à Cruz Vermelha, passaremos com frequência por garranos selvagens a pastar livremente pela montanha. O garrano, uma das três raças nacionais de equinos, é considerado por muitos a figura mais emblemática da biodiversidade milenar do Noroeste de Portugal. Como referimos anteriormente, estes últimos passos conduzem-nos para o concelho de Arcos de Valdevez. Não podemos, portanto, deixar de referir que a diversidade de paisagens, as cores, o património cultural, religioso, etnográfico, gastronómico e humano, tornam esta etapa umas das mais completas da Grande Rota de Montanha.



Ecovia das Lagoas

O troço das Lagoas, em Ponte de Lima, estabelece a ligação entre a vila e o ribeiro da Silveira, em Fontão. Iniciamos o troço na margem direita, junto à ponte Romano-Gótica. A ponte, que une as duas margens há 2000 anos, está classificada como monumento nacional. Obra única do tempo do imperador romano Otávio César Augusto, viria a sofrer um aumento na Idade Média devido a um desvio do leito do rio e à destruição provocada pelo tempo ou guerras. Passamos pela estátua de Decius Brutus voltada para os soldados, na outra margem, que pretende recrear a Lenda do Rio Lethes (esquecimento). Reza a lenda que os soldados romanos recusaram atravessar o rio, temendo a perda total da sua memória. Decius Brutus passou o rio e chamou cada soldado pelo nome, provando que a memória permanecia intacta. Continuamos, com a bela imagem do centro histórico e da alameda dos plátanos espelhada nas águas do rio e, mesmo antes da ponte nova, encontramos as instalações do Clube Náutico e do Festival Internacional de Jardins. O Festival Internacional de Jardins, aberto de maio a outubro, expõe anualmente, de acordo com um tema previamente definido, os melhores jardins projetados por artistas e criadores nacionais e estrangeiros. Dirigimo-nos para Bertianos, com os sentidos focados no rio e na sua biodiversidade, e, ao chegarmos a um pequeno cais, vislumbramos o solar de Bertianos através de uma alameda envolta por uma vinha de dimensão considerável. Ex-líbris do Norte do país, fundado no séc. XV, possui uma torre erigida em 1566 e dois corpos acrescidos para cada um dos lados, fruto dos dois vínculos instituídos pela viúva do segundo Senhor de Bertianos, Inês Pinto, aos seus dois filhos. Bem próximo do solar,

localiza-se uma das portas de entrada da Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro d'Arcos. É um espaço importante para a conservação da natureza e biodiversidade aos níveis regional, nacional e mesmo internacional, no caso de algumas espécies e habitats específicos. Seguimos no sentido da área de lazer do soto de Bertandos, onde a ecovia se afasta ligeiramente da margem do rio, em busca da travessia do rio Estorãos, afluente do rio Lima. Até ao ribeiro da Silveira - ponto a partir do qual a ecovia segue por terras do concelho de Viana do Castelo - seremos acompanhados pela paisagem agrícola onde o milho é rei na primavera/verão.

Atividades de animação turística

Ponte de Lima usufrui de um património ambiental notável, elevando ao patamar máximo os níveis de qualidade de vida no concelho. Não perca a oportunidade de conhecer as diferentes atividades existentes no concelho, desde passeios a cavalo ou de bicicleta, a atividades no rio Lima, golfe, ténis, são exemplos de práticas saudáveis disponíveis em Ponte de Lima, venha experimentar!

BTT e ciclismo

Em Ponte de Lima existem ciclovias junto ao rio que possibilitam os visitantes percorrer todo o concelho junto ao rio. Para amantes de desportos mais radicais poderá praticar Downhill no Bike Park ou Pump Track no Parque da Vila. Venha conhecer Ponte de Lima de bicicleta.



Pump Track

A pista de Pump Track de Ponte de Lima situa-se no interior do Parque da Vila - Parque Urbano de Ponte de Lima. Trata-se de uma pista de pequenas dimensões, muito irregular e caracterizada pelas múltiplas elevações, depressões e curvas sobrelevadas, todas com características únicas, que em conjunto formam obstáculos que são dispostos mais próximos uns dos outros com o objetivo de definir perfis que permitam manter a velocidade do ciclista que deve percorrer a totalidade do percurso sem necessidade de pedalar ganhando velocidade apenas com a transposição dos obstáculos.



Bike Park

O Bike Park de Ponte de Lima localiza-se na Serra d'Arga entre as freguesias de Estorãos e Cabração, e tem para oferecer vários serviços de bicicleta de

montanha, desde o Downhill, Cross Country, Enduro e Passeios Turísticos. O Bike Park rentabiliza as excecionais características naturais existentes para a realização das modalidades referidas, particularmente os fortes declives, a rede de caminhos e o agradável enquadramento paisagístico. Enquanto estrutura física, o Bike Park corresponde a uma rede de pistas cicláveis, numa mancha florestal de cerca de 360 ha, desde os 138 m a 650 m de altitude, cuja constituição recorre, sempre que possível, aos caminhos florestais. Está assegurado com um Serviço de transportes ao topo da montanha, garantindo uma média de 12 descidas por dia, em 10 pistas diferentes de 2,8 a 4 km.



Festival Internacional de Jardins

A 16.ª Edição do Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima, abriu portas no dia 28 de maio. Sob o tema "As Religiões nos Jardins", o FIJ reúne este ano criações provenientes de Portugal, Espanha, República Checa, França, Inglaterra, Itália, Áustria, Roménia, Sérvia, Noruega, Polónia, Estados Unidos da América e Brasil, que se associam ao jardim vencedor da edição anterior. Comprometido com questões ambientais, o Festival Internacional de Jardins põe em marcha uma revolução silenciosa, sensibilizando a comunidade para a integração das artes em prol da sustentabilidade, tornando-se este ano, num marco na questão do direito à religião. Recorde-se que, a par dos jardins mencionados, fazem-se representar no evento os "Jardins Escolinhas", para a sua 6.ª Edição. Estes refletem um dos principais objetivos do Festival Internacional de Jardins, "conferir um contributo pedagógico e de sensibilização para a arte dos jardins", e para os temas no âmbito dos quais são criados, frisou, durante a inauguração, o presidente da Câmara Municipal de Ponte de Lima, Eng.º Victor Mendes. O autarca evidenciou orgulho ao retomar o evento, após um ano de paragem, em consequência da pandemia, revelando que este se constitui "um exemplo" a nível nacional e internacional, que nos últimos 17 anos recebeu já mais de 1,2 milhões de visitantes, e "centenas de propostas de jardins dos quatro cantos do mundo".

Sob o tema "As Religiões nos Jardins", a 16.ª Edição do Festival Internacional de Jardins pode ser visitada até 31 de outubro. Em 2022 o tema será "Os Jardins e as Alterações Climáticas".



www.sol.sapo.pt

Inovação & Qualidade

Farmácia Sousa Reis inaugura novas instalações

João Neves, o timoneiro da equipa

A farmácia de família: o parceiro mais próximo da sua saúde



Os 18 anos de atividade que a Farmácia Sousa Reis acumula demonstram bem a confiança que os seus clientes depositam num serviço de saúde de proximidade, personalizado e altamente diferenciado. No dia 13 de outubro de 2013, a Farmácia Sousa Reis abriu as suas portas, dando início a um novo paradigma de serviço de saúde junto da comunidade de Rio Tinto, Gondomar, que viria a atingir o ponto mais alto no início do ano, com a inauguração das novas instalações, com acesso na Rua Central da Giesta e esquina com a Rua D. Afonso Henriques, mais próxima ainda das populações de Rio Tinto e Pedrouços. O conceito e paradigma, esses, continuam a eleger como denominadores comuns a inovação, prontidão e personalização no atendimento e o profissionalismo adquirido por uma equipa de profissionais que representam um ícone prestes a atingir a "maioridade".

Em entrevista, João Neves, o timoneiro da equipa que alia formação em engenharia e farmácia e Deolinda Reis com quase 50 anos de profissão, abrem-nos as portas a este novo conceito de "farmácia de família"...

Estando as farmácias comunitárias na primeira linha de intervenção quando surgiu a pandemia, como descreve esses primeiros dias enquanto profissional de saúde com a obrigatoriedade de manter as portas abertas?

Foram dias absolutamente loucos... Chegámos a trabalhar 18 horas diárias, uma vez que, para além do horário habitual de atendimento, ainda nos dedicávamos ao fabrico de álcool gel para que, numa altura de grande carência deste tipo de produto, nada faltasse aos nossos utentes. Além disso, também tivemos de gerir um excesso de procura, uma vez que muita gente procurava fazer uma reserva de determinados medicamentos, temendo que os mesmos esgotassem, e de proceder a uma reorganização interna, com a divisão de equipas em espelho e atendimento ao postigo. No entanto, devo realçar que a equipa foi a todos os níveis inexecedível. Creio que o altruísmo dos profissionais e aquela figura do agente de saúde mais próximo do cidadão e por vezes até o ombro amigo, tão tradicional na farmácia

comunitária, se revelou de forma muito particular com este contexto de pandemia. Eu vim de um meio externo à farmácia, dado que a minha formação é na área da engenharia, tendo feito posteriormente formação em farmácia. E confesso que, até estar dentro de uma farmácia, tinha a ideia de que o nosso trabalho se resumia a pouco mais do que a dispensa de medicamentos. Mas, desde cedo, na Farmácia Sousa Reis comecei a perceber que existe um papel social. Muitas pessoas que vêm à farmácia não procuram apenas o medicamento... vêm falar connosco, desabafar os seus problemas e nós conhecemos muitas famílias, os seus receios, bem como os de uma significativa parte da comunidade local. A porta da farmácia está sempre aberta para todas as pessoas e interagimos com as mesmas o tempo que for preciso. Para muitos utentes, somos o profissional da saúde com quem contactam com maior proximidade e frequência, até porque não é necessário agendar qualquer ato. Muitas vezes, somos nós que marcamos consultas aos nossos clientes, chegamos a ir ao centro de saúde para intermediar processos e facilitar a comunicação...

Entretanto, em contraciclo com um contexto de crise generalizada e com um espírito arrojado, a Farmácia Sousa Reis dá um passo à frente e inaugura uma unidade moderna, com uma localização mais central e com novos serviços prestados...

No pico da pandemia, ainda nas anteriores instalações, fizemos um isolamento total entre o atendimento e os utentes, o que permitiu eliminar o atendimento pelo postigo e fazer o atendimento no interior das instalações da farmácia. Sendo óbvio que o contacto que gostamos de realizar, mais pessoal, ficou reduzido, mas beneficiámos consideravelmente o atendimento, uma vez que as pessoas não eram forçadas a ficar na rua. Neste contexto, percebemos que aquelas instalações não eram suficientes para oferecermos a qualidade que preconizamos. Foi então que conseguimos encontrar a atual solução, com instalações significativamente superiores, o que nos permitiu oferecer segurança e qualidade no atendimento, ultrapassando os constrangimentos que tínhamos nas anteriores instalações. E garantimos, desde o primeiro momento, que as pessoas que não tivessem condições para se deslocar às atuais instalações, que distam cerca de 800 metros da anterior, poderiam contactar-nos e nós asseguraríamos a entrega ao domicílio, nem que fosse de apenas uma embalagem de medicamentos. Muitos utentes continuam a utilizar este serviço numa base diária, que oferecemos sem qualquer tipo de custo acrescido.

O que trouxe de novo esta unidade recentemente

inaugurada?

Esta nova farmácia tem praticamente o triplo da capacidade relativamente às instalações anteriores. A zona de atendimento ao público praticamente duplicou e temos ainda dois gabinetes de atendimento privado, destinados à realização de consultas de nutrição ou podologia; fazemos a medição da pressão arterial durante 48 horas... Em suma, permitiu-nos alargar substancialmente os serviços prestados e assegurar uma maior variedade de oferta e stock de produtos, sejam medicamentos ou produtos de saúde e bem-estar, uma vez que a capacidade de armazenagem é igualmente superior. Este é também um fator de diferenciação que quisemos implementar e não é raro ouvirmos utentes dizerem que temos sempre disponível o que precisam.



Além dos serviços e consultas que enumerou, que outros oferece a Farmácia Sousa Reis?

Temos tudo o que está para além da determinação dos parâmetros bioquímicos, como a glicémia, colesterol total, LDL e HDL, triglicéridos, assegurando medições na hora; fazemos os testes de antigénio da Covid, sendo que estamos registados na Entidade Reguladora da Saúde e estamos capacitados para o efeito; na área cardiovascular, fazemos uma medição da pressão arterial em que a pessoa está sozinha num gabinete e sem a chamada interferência da bata branca, o que poderá fazer toda a diferença na fiabilidade do diagnóstico. Seguimos um protocolo internacional, em que realizamos três medições com um determinado intervalo e após um compasso de espera para a realização da primeira e verificámos que a adesão, quer dos utentes, quer dos seus médicos, que os referenciam para a Farmácia Sousa Reis, tem sido muito interessante.

É possível fazer diferenciação em farmácia comunitária?

Sim, é. Sempre considerei que a Farmácia Sousa Reis era muito peculiar, mas também atribuía essa consideração ao facto de estar aqui e de conhecer bem as pessoas. Entretanto, mudámos e acabámos por testar uma nova realidade, em que conhecemos novos utentes, e comprovámos que existe realmente algo de

diferente na Farmácia Sousa Reis. E não tenho a mínima dúvida de que são as pessoas que temos na nossa equipa que irão fazer esta farmácia. Os utentes gostam da maneira como os recebemos. E até novos clientes nos confessam, após o primeiro atendimento, que já sentem ser clientes da casa... É óbvio que também disponibilizamos soluções interessantes, como o cartão de fidelização, que oferece benefícios em produtos de saúde e bem-estar ou de higiene pessoal, mas a verdade é que sentimos que não é propriamente pelos benefícios ou por isso que os clientes se fidelizam à Farmácia Sousa Reis. Insisto: o que faz toda a diferença é a equipa que temos.

Equipa essa que já exige alguma complexidade ao nível da formação contínua...

Até nessa vertente somos uma farmácia peculiar... temos um técnico com uma experiência profissional de 50 anos em farmácia comunitária, temos um técnico de farmácia na logística e back office e a restante equipa é farmacêutica. Há aqui um conhecimento muito diversificado, um misto entre experiência e elementos mais jovens, saber empírico e dos livros, que acaba por resultar em complementaridade e muito equilíbrio.

Num dos países da UE com maior rácio de farmácias por habitante, que potencial de captação de novos clientes encerra esta nova localização?

Temos tido, muitos clientes novos por mês. Foi uma surpresa muito positiva desde que mudámos de instalações e acredito que existe muito potencial para crescer e, ainda assim, manter os parâmetros que nos diferenciam ao nível do atendimento personalizado.

Está nestas instalações há seis meses, com um ritmo de crescimento alucinante... onde se vê dentro de quatro ou cinco anos?

Tenho muitos projetos... Esta mudança era algo que ambicionava há cinco anos mas parecia-me muito difícil de concretizar porque as instalações pertenciam a um

banco. Algo que pretendia realizar a curto prazo era disponibilizar um robot de dispensa de medicamentos para otimizar ainda mais o atendimento, garantir melhorias na gestão de stocks e "poupar as pernas" aos elementos da nossa equipa. Um projeto que acabámos de concluir, no âmbito da modernização da farmácia, para além de já termos um painel de leds para a comunicação com o exterior dos serviços e produtos, foi a colocação de uma máquina de vending no exterior da Farmácia Sousa Reis, onde disponibilizamos uma



variada gama de produtos não sujeitos a receita médica, a qualquer horário. Além disso, teremos um equipamento que permitirá a recolha de encomendas por parte dos utentes depois do horário de atendimento. Ou seja, um equipamento de click and collect, em que o utente recebe um QR Code após realizar a encomenda e o pagamento e pode fazer o levantamento a qualquer hora. Respondendo mais diretamente à sua questão, não escondo que desejo aumentar esta família farmacêutica, constituída pelos nossos profissionais e clientes.

"Devia existir mais comunicação entre a farmácia e o médico de família"

"Na minha perspetiva a farmácia devia constituir um polo central entre o SNS e o utente e creio que essa ligação não está a ser devidamente aproveitada. Devia haver uma maior possibilidade de comunicação entre o médico e a farmácia. Do mesmo modo que existe o médico de família, a Farmácia Sousa Reis considera-se a farmácia de família, mas, na verdade, não existe essa ligação com o SNS, nomeadamente ao nível de uma plataforma de comunicação, ainda que muito básica. Repare que um farmacêutico sabe muitos "segredos" dos seus clientes que o próprio médico de família desconhece".

equipamentos e robotização

criamos impacto no futuro das farmácias

+351 220 135 100
www.elypharma.com

elypharma
soluções e tecnologia de farmácia

Onde estamos

Rua Central da Giesta, 10
Rio Tinto

Junto ao
posto da BP
No antigo
Millennium
BCP




Farmácia
Sousa Reis

*Queremos
Cuidar
de Si*

HORÁRIO

Segunda a Sexta | Sábado
8h30-20h | 8h30-13h
Encerra Domingo e Feriados

- Atendimento de EXCELÊNCIA
- A simpatia de SEMPRE
- Entregas ao Domicílio GRATUITAS (raio de 2km)
- Balcão EXPRESSO

229738063 - 912685583 - farmsousareis@gmail.com - @FarmaciaSousaReis - farmacia_sousareis

Entrevista

JRC

J. PEREIRA DA CRUZ

1949

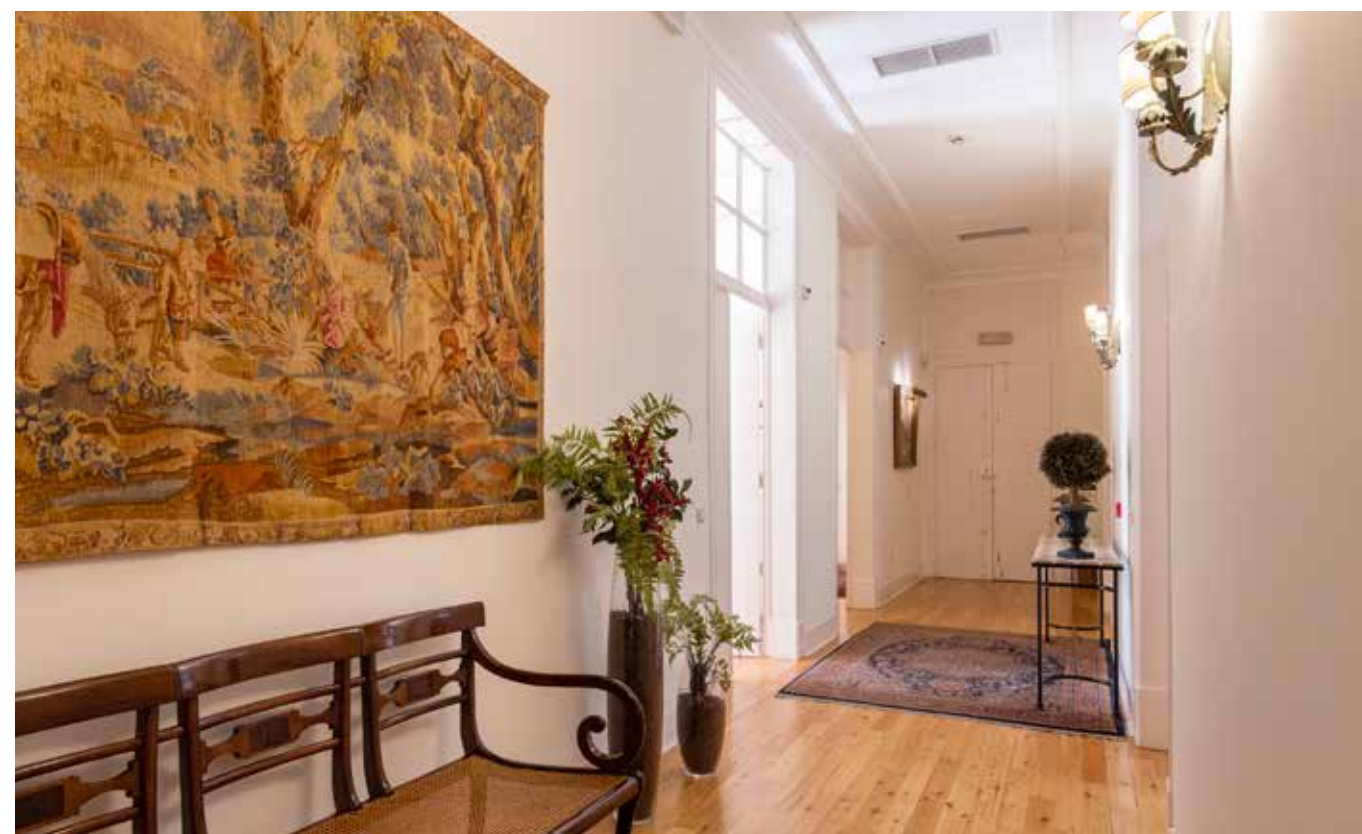


“Deve patentear-se quando existir uma oportunidade de negócio”

João Pereira da Cruz

“Direitos de Propriedade Intelectual: Proteger antes de divulgar ou comercializar”

É sócio administrador de uma das mais experientes empresas europeias no domínio tradicionalmente conhecido como marcas e patentes. João Pereira da Cruz lidera um legado de 70 anos ao serviço de um player moderno, uma sociedade de consultoria especializada em Propriedade Intelectual e que presta todos os serviços relacionados com as matérias de Propriedade Industrial ou Direitos de Autor, entre outros. Neste domínio, por muitos considerado o “ouro negro” do século XXI, mas ainda subaproveitado pelo poder político e por parte do tecido empresarial português, 70 anos de afirmação, assente na oferta de um serviço especializado de assessoria jurídica, representam indubitavelmente um fator de diferenciação. Mandatário Europeu de Patentes, Agente Oficial da Propriedade Industrial, Mandatário junto do EUIPO, o administrador João Pereira da Cruz é o inevitável entrevistado quando se fala em Propriedade Intelectual e num dos grandes desafios nacionais para os próximos anos: “a interiorização pelos stakeholders nacionais e decisores políticos da importância da proteção das suas invenções e criações, assegurando as bases de um desenvolvimento económico e industrial sólido e de futuro. No último ano, inúmeras empresas viram-se forçadas a reorientar os seus modelos de negócio, com o online a adquirir uma importância ainda mais evidente, quer nas relações comerciais, quer na própria



conceção de novas ideias e projetos. Em que medida constitui também este novo panorama um desafio para as empresas dedicadas à proteção da propriedade intelectual?

Este último ano foi um ano bastante difícil para a grande maioria das empresas portuguesas, um ano de muitíssimos sacrifícios que no limite representou um fechar portas. É arrepiante pensar na restauração, na hotelaria, nas empresas de turismo, nas companhias de aviação. Se algumas puderam em parte reorientar os seus modelos de negócio, como em alguns restaurantes através do take-away, é dramática a situação do turismo, uma das principais receitas nacionais. No nosso caso, há já muitos anos que entrámos na era digital. Igualmente há muitos

anos também que todos os atos de propriedade industrial junto do Instituto Nacional da Propriedade Industrial, e da EUIPO e IEP são praticados online, pelo que deste ponto de vista estávamos totalmente preparados para o que está a acontecer. As relações comerciais essas tiveram que ser reinventadas dado que o “networking” tradicional está suspenso. Todas as reuniões nacionais e internacionais que tínhamos anualmente estão suspensas há precisamente um ano, o que de facto constitui um desafio grande. No entanto, a proteção e defesa dos direitos de Propriedade Industrial é crucial para qualquer empresa, razão pela qual e embora com alguma retração em algumas áreas o negócio mantém-se e noutras sentimos mesmo um aumento. Praticamente todas

as reuniões com clientes e as ações de formação que fazemos são feitas através das inúmeras plataformas que atualmente temos à nossa disposição. É assombroso verificar quanto os diversos sistemas de comunicação progrediram neste último ano. Penso que a generalidade das empresas dedicadas à proteção da propriedade industrial estarão como J. Pereira da Cruz. **Apesar de a inovação ser uma constante do tecido empresarial português, Portugal continua a ocupar uma posição baixa no ranking de pedidos de patentes. Como analisa o panorama da Propriedade Intelectual em Portugal?**

Sim, é um facto, que Portugal ainda não faz parte dos países mais bem posicionados no ranking de pedidos de patentes. Naturalmente que não falamos nem dos Estados Unidos da América, Japão, China e Coreia do Sul nem de uma Alemanha e França que são metas impossíveis de atingir. Portugal faz parte de um vastíssimo grupo de Países da União Europeia – cerca de 17 – que no total depositaram em 2019 pouco mais de 2,5% dos pedidos de patente europeia. O nosso país ainda está pelos 0,15% do total de pedidos anuais. No entanto, noto pessoalmente uma alteração no panorama nacional de patentes, resultante de mais e melhor investigação para novas e interessantes oportunidades de negócio. Tem sido feita uma divulgação e promoção muito séria da Propriedade Industrial no nosso país através das Instâncias Oficiais e pelos AOPI-Agentes Oficiais

da Propriedade Industrial. Nas diversas conversas com a Senhora Presidente do nosso INPI concordámos que em conjunto iremos vencer este enorme desafio. No entanto, o pouco uso que ainda é dado ao Sistema de Propriedade Industrial não acontece só no nosso país, é um mal geral segunda as estatísticas que me escuso de repetir, porque estão a aparecer em todos os artigos e citados em todos os discursos. Resumindo e para responder directamente à sua questão diria que em matéria de marcas, já fazemos um uso bastante bom da Propriedade Industrial e que na área de patentes enormes progressos têm sido feitos, também pela qualidade dos nossos profissionais – AOPI – que nos últimos anos tem superado todas as expectativas.

Em que medida poderá falar-se em falta de visão por parte dos empresários nacionais relativamente a esta área?

Penso que os nossos Empresários de forma alguma têm falta de visão estratégica. Não me refiro a este período difícil em que tantos sacrifícios têm sido feitos. O país é pequeno e consequentemente qualquer negócio precisa de sair para fora das nossas fronteiras. As empresas sabem que só com uma proteção eficiente das suas criações e invenções poderão vencer e nesse sentido, diria que estão a tomar as medidas corretas, que são em duas palavras: Proteger primeiro e comercializar em seguida.

No meio, é preciso tentar montar a melhor estratégia possível, ou seja, aquela que de maneira financeiramente mais razoável consegue a melhor proteção possível. Felizmente, hoje em dia existem inúmeras ferramentas – leia-se Sistema de PI – que permitem a melhor solução possível. O meu conselho é que as empresas se apoiem nos profissionais, nos Agentes Oficiais da Propriedade Industrial e Mandatários



Europeus de Patentes e de Marcas que poderão ajudar a obter os melhores resultados possíveis. Os nossos empresários sabem bem o que querem e cada vez mais estão cientes no investimento que fazem ao usarem a Propriedade Industrial. **Que papel desempenha a J. Pereira da Cruz neste caminho, tão essencial à atividade económica nacional?**

J. Pereira da Cruz completa este ano 73 anos desde a sua fundação. Percorreu um longo caminho, tendo partido do zero, sendo hoje um dos grandes parceiros nacional e internacional de muitas empresas. Desde cedo

apostámos na qualidade e por essa razão, tanto na área tecnológica como nos meios jurídicos, reunimos os melhores especialistas destas áreas. Desempenhamos uma importante função social, através da divulgação e promoção que fazemos em conjunto ou isoladamente, através da Formação que oferecemos às Empresas. Pouco a pouco tem-se conseguido mostrar às empresas que ainda não protegem, a enorme mais valia que isso constitui. **Quando deve patentear-se e o que ganha o criador com isso?**

Não estava à espera dessa pergunta, que é tão óbvia, mas dá-me imensa vontade

de responder. Com o perigo de me repetir, podia responder apenas com uma simples frase:

“Deve patentear-se quando existir uma oportunidade de negócio”. Aprendi com um amigo meu holandês, responsável pelo Departamento de Patentes da Phillips. No fundo, o que ele quis dizer é que não vale a pena patentear para as estatísticas, mas somente se com a sua patente o inventor e a empresa tirarem disso benefícios. A patente dá ao seu proprietário o direito exclusivo de explorar a invenção e de impedir terceiros de o fazer sem o seu consentimento. Portanto, se vão lançar no mercado um produto inovador ou um novo processo de o obter ou um produto melhorado que pelas suas características é mais eficiente e até mais barato de obter, sei lá, as hipóteses são muitíssimas, então é certamente algo que deverá ser patenteado, dado que irá dar ao seu titular um direito exclusivo, com todas as vantagens que daí advém. O titular de uma patente pode também, licenciar terceiros e receber, naturalmente, proveitos dessa licença. No entanto deve

ter-se em mente as condições da patenteabilidade: novidade absoluta, ter atividade inventiva e ser suscetível de aplicação industrial.

PI & PME: levar as suas ideias ao mercado é o lema adotado este ano pela WIPO GREEN, o mercado de tecnologia sustentável da Organização Mundial da Propriedade Intelectual. Que pertinência assume este tema para Portugal?

Estará o país preparado para aderir a este desafio? A WIPO Green já foi lançada pela Organização Mundial da Propriedade Industrial há quase 10 anos, mais concretamente em 2013. É, ao fim e ao cabo, um acelerador de inovação e de difusão das Tecnologias Verdes, através de uma poderosa base de dados e rede de utilizadores online para a sua distribuição, comercialização e licenciamento. Creio que hoje a sustentabilidade é marcadamente importante para a competitividade das empresas, dado as exigências de todos os stakeholders. Por esse motivo, é um tema a ter presente e certamente uma enorme preocupação dos nossos empresários.

JPC

J. PEREIRA DA CRUZ

1949

JPC

J. PEREIRA DA CRUZ

1949

70 anos a proteger a criatividade e a inovação

Lisboa . Porto . Leiria
Macau . Angola . Moçambique
Cabo Verde . São Tomé e Príncipe

Managing
Intellectual
Property

IPSTARS
TOP TIER FIRM 2019



www.jpereiradacruz.pt
info@jpcruz.pt

Escola Nacional de Bombeiros

Vítor Reis no comando, rumo à excelência

“Preparar o cidadão hoje é prevenir que tenhamos de o socorrer amanhã”

Vítor Reis foi recentemente eleito presidente da direção da Escola Nacional de Bombeiros (ENB). Com um legado de duas décadas de serviço à instituição e um percurso profissional que reúne o exercício de funções no domínio da proteção civil, socorro e emergência, como bombeiro, formador, gestor e adjunto no gabinete da Secretária de Estado da Administração Interna, o novo presidente da ENB reuniu-se de um corpo diferenciado e altamente qualificado. Juntos procuram implementar uma estratégia que compromete bombeiros, agentes da proteção civil e cidadãos numa missão que significa formar, informar, educar e sensibilizar. A ENB é atualmente uma instituição altamente reconhecida, inclusivamente a nível internacional, no que concerne aos seus domínios de intervenção, essencialmente focados na formação, acreditação e reconhecimento de competências, e a atual direção define novas metas rumo à excelência... Para ler, em entrevista

à direção da ENB...

Depois de ter servido a instituição durante duas décadas, enquanto formador e vogal da direção, o que representa para si a presidência da Escola Nacional de Bombeiros?

Vítor Reis – Representa, naturalmente, um desafio a nível pessoal e, sobretudo, profissional. Tendo participado no elenco diretivo anterior e conhecendo bem a Escola Nacional de Bombeiros, tal como a realidade do setor dos bombeiros e da proteção civil, sinto uma responsabilidade acrescida e as expectativas sobre o desempenho desta nova direção são, naturalmente, também elevadas, já que a competência de qualquer um dos membros, bem como a sua experiência neste setor, são inquestionáveis.

Para o sucesso nesta missão contamos com o apoio da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil e da Liga dos Bombeiros Portugueses, enquanto entidades associadas da

ENB, e de todos os colaboradores da Escola.

Presumo que já terá tido a preocupação de fazer uma espécie de análise SWOT ao contexto em que vive a ENB, cruzando ameaças e oportunidades... No domínio das ameaças, convide-o a comentar o surgimento de várias entidades, com muito menos tradição e competências, a oferecerem formação na área dos bombeiros e da proteção civil... a grande oportunidade será a gestão, experiência, tradição e recursos que a ENB apresenta...

Vítor Reis – De facto, nos últimos anos, têm surgido várias entidades a oferecer serviços de formação dirigidos a bombeiros. Logicamente, o Referencial de Formação do Bombeiro, que integra o Catálogo Nacional de Qualificações, não é propriedade exclusiva da ENB, nem é nossa intenção sermos a única entidade a ter possibilidade de ministrar formação a bombeiros. No entanto, entendemos



que existem alguns requisitos específicos que qualquer entidade que se proponha a ministrar formação a bombeiros deve cumprir, nomeadamente o programa de formação definido para as unidades de formação de curta duração, as instalações e equipamentos necessários, bem como a certificação dos formadores pela ENB. Esta exigência é uma garantia de que os conhecimentos teóricos e práticos transmitidos aos formandos seguem a mesma doutrina que a ENB preconiza. E a questão da doutrina é fundamental porque os bombeiros devem saber trabalhar em conjunto, não apenas com os colegas do mesmo corpo de bombeiros, mas também com os demais, particularmente em ocorrências que envolvam meios de atuação provenientes de norte a sul do país. Portanto, os procedimentos de atuação, bem como as regras de segurança a observar devem ser iguais e isso só é garantido se a formação for ministrada por formadores devidamente certificados pela ENB, e utilizando os recursos pedagógicos que a ENB tem vindo a produzir. Preocupa-nos o facto de não haver atualmente uma articulação efetiva entre essas entidades que se propõem fazer formação e



a ENB. Existem algumas exceções: a ENB celebrou um protocolo com os Centros Qualifica do IEFEP da região centro, em que temos prestado apoio técnico, nomeadamente através da indicação de formadores para formação e reconhecimento e validação de competências e da participação nos júris finais de avaliação. Esse poderá ser um modelo a estender ao restante país. Formar bombeiros é uma grande responsabilidade e entendemos que a ENB deve ter um papel central, sobretudo na definição da doutrina e dos conteúdos a ministrar.

Apesar do pouquíssimo tempo de liderança, já teve a oportunidade de transmitir essa e outras preocupações à tutela?

Vitor Reis – Já fizemos sentir esta preocupação ao grupo de trabalho constituído pela resolução do Conselho de Ministros nº 24/2021, logo que iniciou funções. Na sessão inaugural desse grupo, a ENB foi convidada a fazer uma apresentação da instituição e a apontar algumas linhas de orientação para o trabalho desse grupo. Uma das preocupações que expressámos foi precisamente a questão que referi, de não haver uma articulação efetiva entre as entidades que pretendem oferecer

formação ou intervir no reconhecimento e validação de competências para bombeiros e a própria ENB. Outra questão que também abordámos, na área do ensino superior, respeita uma vez mais à falta de articulação. Podemos verificar que algumas ofertas de ensino superior poderão não estar alinhadas com as necessidades do setor e a ENB poderia desempenhar um papel quanto à identificação de necessidades das várias entidades que intervêm no terreno, no setor da proteção civil e dos bombeiros e que, em conjunto com as instituições do ensino superior, poderiam desenvolver ofertas de licenciaturas, mestrados, cursos técnicos superiores profissionais ou pós-graduações.

Como definiria a projeção deste seu exercício? Entre a continuidade e a rutura, haverá espaço para a diferença?

Vitor Reis – Acima de tudo, daremos continuidade ao que tem sido uma ação positiva da ENB relativamente à formação, não só de bombeiros, mas também de agentes de proteção civil e, em última instância, do próprio cidadão. Embora sejamos uma escola de bombeiros, temos vindo a desenvolver formação dirigida aos elementos que integram outros agentes



de proteção civil, como as forças de segurança, as forças armadas, ou os sapedores florestais. Logicamente, queremos melhorar algumas questões eventualmente menos bem conseguidas e que dizem respeito, por exemplo, à comunicação com os corpos de bombeiros. Queremos estabelecer mais canais de comunicação e que sintam que a ENB está mais acessível e disponível. Temos igualmente preocupações ao nível dos procedimentos administrativos, que pretendemos simplificar sem colocar em causa os requisitos de certificação que a própria ENB deve cumprir. Também é nossa intenção continuar a aposta nos recursos formativos, sobretudo mediados por tecnologia, através do desenvolvimento de ofertas formativas na nossa plataforma de e-learning. Exemplo é a aposta recente da ENB na construção de um estúdio para a produção de material audiovisual que será incorporado na formação a distância ou em regime misto. Atendendo ao contexto atual, as novas tecnologias provaram ser capazes de vencer as distâncias, sendo óbvio que, no que respeita à formação de bombeiros, nem tudo poderá ser feito à distância...



Internacionalização

Vitor Reis – É uma aposta ganha. A ENB é atualmente reconhecida, não apenas a nível europeu, mas a nível internacional, tem sido frequentemente convidada a integrar consórcios em projetos europeus e tem reforçado o intercâmbio com organizações congéneres, com partilha de formadores e de conhecimento. Entendemos que é um caminho que interessa prosseguir. Por outro lado, a ENB possui infraestruturas únicas no país, que permitem realizar formação em áreas diferenciadas e que têm atraído grupos de formandos de outros países, mas que também gostaríamos de ver utilizadas por outros agentes, evitando assim a duplicação e desperdício de recursos. Nesse âmbito, a postura da ENB foi sempre de completa abertura, disponibilizando, por exemplo, o Centro de Simulação às entidades que pretendam realizar ações de formação e oferecendo apoio técnico na construção de cenários.

Muito mais do que uma escola de... bombeiros...

A comunicação da ENB não tem sido particularmente focada na sociedade em geral, ao passo que será legítimo afirmar que falta à sociedade portuguesa informação, formação e sensibilização nos domínios da proteção, segurança e emergência... Será esse um dos objetivos próximos da ENB, comunicar com o público em geral... É isso que sente estar a fazer hoje?

Vitor Reis – Essa questão é, de facto, muito importante. Como referi, a ENB destina-se, em primeiro lugar, aos bombeiros, depois aos outros agentes de proteção civil mas também ao cidadão, individualmente considerado ou enquanto elemento de uma organização ou empresa, pública ou privada. Admito que a ENB não tenha sido, até ao momento, muito eficaz nessa ligação ao cidadão, apesar de desenvolver algumas iniciativas nesse sentido. Mas essa será certamente uma aposta desta nova direção, procurando chegar mais às pessoas, numa ótica de formação, prevenção, informação e sensibilização, para que tenham mais conhecimento e perceção do risco e para que possamos prepará-las face à resposta exigida ao cidadão num contexto de emergência.

Se me permite, utilizaria uma frase que foi proferida no discurso de tomada de posse: Preparar o cidadão hoje é prevenir que tenhamos de o socorrer amanhã. Isto traduz a aposta em tornar o cidadão um agente ativo na prevenção e resposta a uma situação de emergência.

Pedro Lopes – A cultura de segurança, infelizmente, ainda se encontra muito abaixo dos níveis mínimos que devíamos exigir para o nosso país. No fundo, trata-se também de educar para a cidadania e, a par de todas as outras entidades que intervêm nestes domínios, também a ENB tem um papel particular a desempenhar. Pequenos gestos são suficientes para diferenciar entre estarmos seguros ou em risco e, elegendo como objetivo minimizar o risco, esperamos ter condições para apostar nessa área, que envolve recursos humanos e financeiros, que infelizmente têm sido muito regateados também na ENB. Mas estou em crer que, com esforço, será possível fazer algo diferenciado nessa área, indo de encontro aos próprios objetivos da ENB.

O parceiro autarquia

Vitor Reis – A ENB tem desenvolvido, ao longo de vários anos, um trabalho na área dedicada à formação dos técnicos e coordenadores dos serviços municipais de proteção civil. No contexto de pandemia lançámos uma oferta formativa destinada a esses colaboradores, que se traduziu em seis cursos, a decorrer até ao final do ano. Estamos de igual modo a promover uma articulação com os serviços municipais da Região Autónoma da Madeira, com uma oferta formativa a este nível.

Num momento em que se aproxima um novo ciclo governativo nas autarquias, penso que a ENB poderá desempenhar um papel igualmente importante na formação dos autarcas, incluindo os de freguesia, que sendo os primeiros responsáveis na área da proteção civil, nem sempre têm conhecimentos específicos para assumirem tal responsabilidade. Neste sentido, a ENB está disponível para dar um contributo diferenciado na formação dos atuais e futuros autarcas.

Que ENB no futuro?

António Simões - Fazer parte desta equipa de gestão da Escola Nacional de Bombeiros é um novo desafio, num tempo novo, que exige de todos os protagonistas e em particular dos Bombeiros, respostas firmes e capazes de continuar a transmitir a sensação de segurança a que os cidadãos têm direito.

Num momento em que o papel dos Bombeiros e da Proteção Civil quer ao nível Nacional e Municipal é cada vez mais escrutinado, porque cada vez mais central e absolutamente necessário no dia a dia da população e do País, cabe à ENB, como entidade formadora de referência e com um historial inigualável, oferecer contributos diferenciadores.

Vitor Reis – No final do exercício desta direção, gostaríamos de ter uma escola que os bombeiros sintam corresponder às suas expectativas e, simultaneamente, representativa das suas ambições. Uma escola que faça parte do dia-a-dia de todos os bombeiros, que têm de prestar socorro à população e levar a cabo um conjunto de missões, algumas das quais muito exigentes do ponto de vista técnico e do conhecimento. E, por fim, uma escola que consiga ter também um papel importante na formação de todos os agentes que integram o sistema de proteção civil, assim como do cidadão que deve estar preparado para se proteger a si e aos outros.


Vitor Reis



Sou bombeiro voluntário desde 1995, embora não esteja atualmente no ativo, sou formador na Escola Nacional de Bombeiros desde 1999 e exerci funções na Força Especial de Bombeiros, até que em 2013

assumi as funções de vogal na direção da ENB. Em 2019, fui igualmente convidado para desempenhar a função de adjunto no gabinete da Secretária de Estado da Administração Interna, que desempenhei até ao final de abril, altura em que assumi as funções de presidente da direção da ENB. Sou licenciado em Gestão de Empresas, tendo concluído o Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. No decurso da minha formação académica obtive o grau de Doutor em Educação, na especialidade de Educação à Distância e E-learning, pela Universidade Aberta.

Pedro Lopes




Iniciei a minha ligação a esta área com 15 anos, nos bombeiros voluntários da Guarda, chegando ao comando desse corpo de bombeiros, ao que se seguiu um convite para assumir a função de inspetor regional adjunto no então

Serviço Nacional de Bombeiros; entre 1994 e 1998, assumi as funções de inspetor regional na região centro, tendo sido depois convidado para o cargo de inspetor superior adjunto. Em 2001, fui convidado a ser vice-presidente do Serviço Nacional de Proteção Civil, funções que mantive aquando da fusão com o Serviço Nacional de Bombeiros, até que, no final de 2003, fui convidado para assumir o cargo de vogal do conselho diretivo do INEM. Em tom de brincadeira, dizia que tinha a experiência nos setores dos bombeiros e da proteção civil e apenas me restava a emergência médica para completar o ciclo da resposta à emergência. Aceitei o desafio até ao início de 2013, altura

em que assumi a função de diretor nacional de bombeiros, que mantive durante oito anos. No final de abril, cessei funções, iniciando atividade na ENB, como vogal da direção. É uma escola à qual estive sempre muito ligado, desde os tempos de inspetor regional, com responsabilidade na regulação da atividade formativa dos bombeiros. Daí toda a afinidade que sempre existiu com esta casa, que me dá hoje um grande gosto de servir, focado no desafio que representa poder dar um contributo para uma melhor qualificação dos bombeiros. Possuo Licenciatura em Engenheiro Civil, pelo Instituto Superior Técnico. Posteriormente obtive a Pós-graduação em Proteção Contra Incêndios em Edifícios a que se seguiu o grau de Mestre em Segurança aos Incêndios Urbanos, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), conjuntamente com o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). Sou Especialista com Provas Públicas em Proteção de Pessoas e Bens.

António Simões



Iniciei a minha atividade voluntária ligada aos Bombeiros, como 2.º Comandante do Corpo de Bombeiros de Penacova, mais tarde fui nomeado Comandante, cargo que exerci durante mais de duas décadas. Fui Vice-presidente e Presidente da Federação dos

Bombeiros do Distrito de Coimbra, Conselheiro Nacional Operacional e Comandante Operacional Municipal. Professor de profissão, exerci funções na antiga Direção Escolar de Coimbra, Delegado Escolar do concelho de Penacova e, nos últimos anos no Gabinete de Segurança da Direção Regional de Educação do Centro. Com a aptidão natural para as áreas da gestão escolar e da segurança e proteção civil, concluí, entre outros, o Curso Superior de Gestão e Administração Escolar, uma Pós-Graduação em Proteção Civil, o curso de Auditor de Defesa Nacional, pelo Instituto de Defesa Nacional, e do Curso de Comunicação e Liderança nas Ciências Sociais e Humanas, pelo Instituto Superior Bissaya Barreto.

@mardearhotels



“O Alentejo é um mar de planícies, mas o m’ar que aqui se respira e nos hipnotiza é um m’ar de céu, um m’ar de estrelas, um m’ar de ar.”

www.mardearhotels.com





Armamar
CÂMARA MUNICIPAL

Capital da Maçã de Montanha

WWW.CM-ARMAMAR.PT

